

A CAMPANHA DA GUINÉ 1908

Fábio Barreto¹

Juvenal de Carvalho²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo repensar o que está convencionado, que o continente africano é um vasto território selvagem e atrasado onde os seus muitos povos são incapazes de autogovernar-se necessitando da intervenção dos povos europeus mais “civilizados”. Pretendo analisar como os povos de algumas regiões do que hoje é Guiné Bissau se articularam para impedir a invasão dos seus territórios e para manter sua independência política e econômica.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Colonização; Campanha Militar

INTRODUÇÃO

A campanha da Guiné é um diário de guerra escrito pelo tenente de artilharia da marinha portuguesa Luiz Nunes da Ponte, onde ele narra a sua primeira experiência em uma guerra. O diário é de recordação pessoal, que foi impresso, em março de 1909, em numero limitado e presenteado a amigos militares próximos.

O tenente Nunes inicia o seu diário relatando a notícia que leu no jornal O Século do dia 05 de dezembro de 1907, que dizia: “pelo Ministério da Marinha foi feita ao Ministério da Guerra requisição de forças para uma expedição á Guiné”, nesse mesmo mês chegou a Portugal D. José relatando horrores da colônia, a sua missão na metrópole era conseguir uma expedição para a “pacificação” da Guiné, de imediato não foi atendido,

¹ Fábio Santos Barreto, Graduando em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) fabioenaiad@yahoo.com.br

² Juvenal de Carvalho, Mestre Professor de História da África da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Orientador.

mas com a mudança no comando do ministério da Guerra mais uma vez ele solicitou essa expedição o que conseguiu para o Mês de março de 1908.

O contexto da produção deste diário encontra-se nos desdobramentos da partilha e colonização do continente africano pela Europa no final do século XIX, apesar de que Portugal já se encontrava em partes do que hoje é a Guiné antes da partilha, nessa nova fase do contato português com os reis da região da Guiné muitos se levantam para repeli essa “dominação”. Quais seriam as causas dessas reações? O que verdadeiramente mudou na relação entre Portugal e os reis da região após 1880? Com um novo desenho espacial da região, o que isso afetou nessa relação? São questões que estão aqui postas para reflexão e que junto com o diário, publicações periódicas e leitura de textos serão desenvolvidas a partir deste trabalho que ainda é um embrião do que pretendo desenvolver como meu trabalho de conclusão de curso.

Ao olharmos hoje o mapa do continente africano e localizamos o país Guiné-Bissau podemos até imaginar que sempre foi assim, um país que parece ter uma unidade política administrativa, um povo, uma língua oficial. Mas é importante conhecer os processos, as transformações que levaram à construção disto. É, portanto necessário dizer que, antes da sua independência, não existiu uma Guiné-Bissau. Por isso a campanha da Guiné de 1908 é importante para ser estudada, pois esta guerra traz elementos da construção político-econômico e ideológica portuguesa, que levou ao estabelecimento do que hoje conhecemos como Guiné-Bissau.

O nome Guiné já foi utilizado para designar todo o continente africano, posteriormente para designar a região subsaariana. A Guiné que o diário descreve é a Guiné dita portuguesa que posteriormente com a sua independência passou a ser chamada Guiné-Bissau. No continente africano atualmente existem três Guinés, a portuguesa já relatada, a Guiné Conakry que foi colonizada pela França essa faz fronteira com a Guiné portuguesa e a terceira a Guiné equatorial que foi colônia da Espanha.

Com o diário tomaremos conhecimento da relação existente entre a colônia e o colonizador, as formas de resistência dos governos locais se colocando como opositores frente à invasão portuguesa em seus territórios. E também observaremos as relações

entre os diversos povos para identificar as alternativas que eles tinham no enfrentamento e como isso implicava no jogo de poder entre eles.

Na visão européia, qual o papel dos africanos na colonização?

No texto *A África diante do desafio colonial*, Albert Adu Boahen apresenta a idéia de que o processo de colonização do continente africano se deu em dois momentos. O primeiro de 1880 a 1910 que foi a conquista e ocupação de quase todo o continente africano e o segundo momento, que começou a partir 1910, foi da consolidação e exploração do sistema. Este trabalho, que consiste em analisar a campanha de 1908 na Guiné, está situado dentro da primeira fase colocada por Adu Boahen.³

Algumas teorias surgiram a fim de explicar a causa da colonização européia, todas elas na ótica eurocêntrica. Algumas chegam a apresentar a idéia que as “tribos” teriam aceitado rapidamente o domínio europeu, pois assim estariam livres das anarquias e guerras civis nos seus territórios. Outra teoria é a que tenta explicar as motivações a partir dos interesses econômicos. Existem ainda os que tentam explicar a partir do darwinismo social, das idéias de superioridade das raças. Todas essas teorias tomam apenas as ações européias como foco de análise, desprezando totalmente as atitudes africanas. Quando aparece em cena algum líder africano é apresentado de forma pejorativa como colaborador, desconsiderando o jogo das disputas locais.

As atitudes dos opositores desses governos locais não são vistas como ação política de quem poderia ver a chegada de estrangeiros como a possibilidade de estabelecer alianças nas suas lutas com o objetivo de assumir o controle dos territórios em questão.

Deu-me na vista a figura d'um negro chamado Abdul, aventureiro e grande amador de luctas, de physionomia sympathica, cabelo quasi corredio, fallando perfeitamente o creôlo; e como

³ BOAHEN, Albert Adu, *África sob dominação colonial, 1880-1935*, HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, VII: 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

⁴ Recortes do diário do tenente Luiz Nunes da Ponte, *A campanha da Guiné 1908*, PORTO, typographia a vapor da Empresa Guedes, 108 pags.

No dia 25 chegava alli, ficando a bordo da canhoneira *Cagon-go*, transformada em hospital de sangue, o Governador aguardando a gente do Abdullai, que ia tomar parte na guerra de Bis-sau. Deixára ficar regulo no Cuore o aventureiro Abdul.

Neste pequeno trecho do diário é possível perceber uma das situações que levaram alguns régulos a se aliarem aos portugueses. O autor não sabe qual a origem do Abdul que se apresenta para lutar ao lado da tropa portuguesa, porém, chama atenção o seu aspecto físico e a forma polida do seu falar e a disposição para lutar, pois este tinha um perfil aventureiro que fez com que esse personagem se tornasse um dos principais aliados das tropas portuguesas e sendo finalizada a campanha na região do Cuore esse se torna régulo local.

Para o estudo da colonização da África é necessário levar em conta o conjunto de fatores que estão envolvidos porque tanto africanos como europeus são agentes ativos nesse processo.

Visão panorâmica das ações de resistência a expansão colonial na região da Guiné “Portuguesa”

A perspectiva desse trabalho é perceber as estratégias que os governantes locais adotaram para manter a sua soberania. É possível identificar na campanha da Guiné de 1908 algumas formas de resistência adotadas pelos povos que enfrentavam o avanço do poder colonial. Alguns partiram para o confronto armado que são os casos dos régulos de Antula, d’Intim, e o regulo Infali na região do Cuore. O caminho deste último régulo na relação com o invasor é um fato interessante porque em um primeiro momento ele se aliou a Portugal e com o passar do tempo vendo sua autonomia cada vez mais ameaçada, se vendo obrigado a pagar altos impostos, passar a reagir com a recusa de pagar os impostos e atacando as embarcações comerciais que passavam pelo rio geba que eram saqueadas trazendo grandes prejuízos às nações que por aquela importante rota traficavam. Ficando estes impedidos de comercializar no rio, aumentava a pressão contra Portugal que enviou suas tropas para combater o Infali.

Por motivos superiores era forçoso começar pela campanha no Geba; não só pelo facto da navegação no rio estar interrompida para todos, nacionaes e estrangeiros, envolvendo portanto uma questão internacional; mas ainda porque, devendo chegar em meados

O temor português era que este régulo atravessasse para a outra margem do rio Geba, a região Babadinca, tomando o controle dos outros povos trazendo um prejuízo ainda maior ao sistema. Por isso o primeiro ponto de confronto desta campanha foi esta região, pois Portugal sofria a pressão da Alemanha, Inglaterra e França que haviam estabelecidos casas comerciais neste sítio.

O diário ainda apresenta a maneira que um régulo da região de Bolama ilha habitada pelos Biafadas onde o capitão Nazareth foi combater o régulo revoltado. Outro rei se apresentou como aliado ao capitão e solicitou armas e munições para lutar contra o régulo revoltado e logo que atendido este se uniu ao régulo revoltado para lutar contra os portugueses usando as suas armas e munições, o que nos mostra habilidade, inteligência e organização como forma de resistência ao domínio estrangeiro. A coluna que ali estava combatendo teve que se retirar da região, pois não tinha mais capacidade de enfrentar o exercito local.

Na região de Bissau onde se destacam as tabancas (comunidade local) de INTIM, BANDIM, SAFIM, CONTUME E ANTULA vivem os Balantas os quais, o tenente Nunes atribui a característica de povo com hábitos diversos, porém todos de índole guerreira que se juntam para defender interesses comuns e os seus domínios, que representa quase toda a ilha, demonstrando amor ao seu chão. Fato que pode ainda, conforme o diário, se constatar na batalha do dia 10 de maio de 1908 quando se agravou o confronto e os Papéis (povo da região de Bissau e Cacheu) clamavam naquela noite dizendo: “logo que o sol nasça, veremos de quem é este chão”.

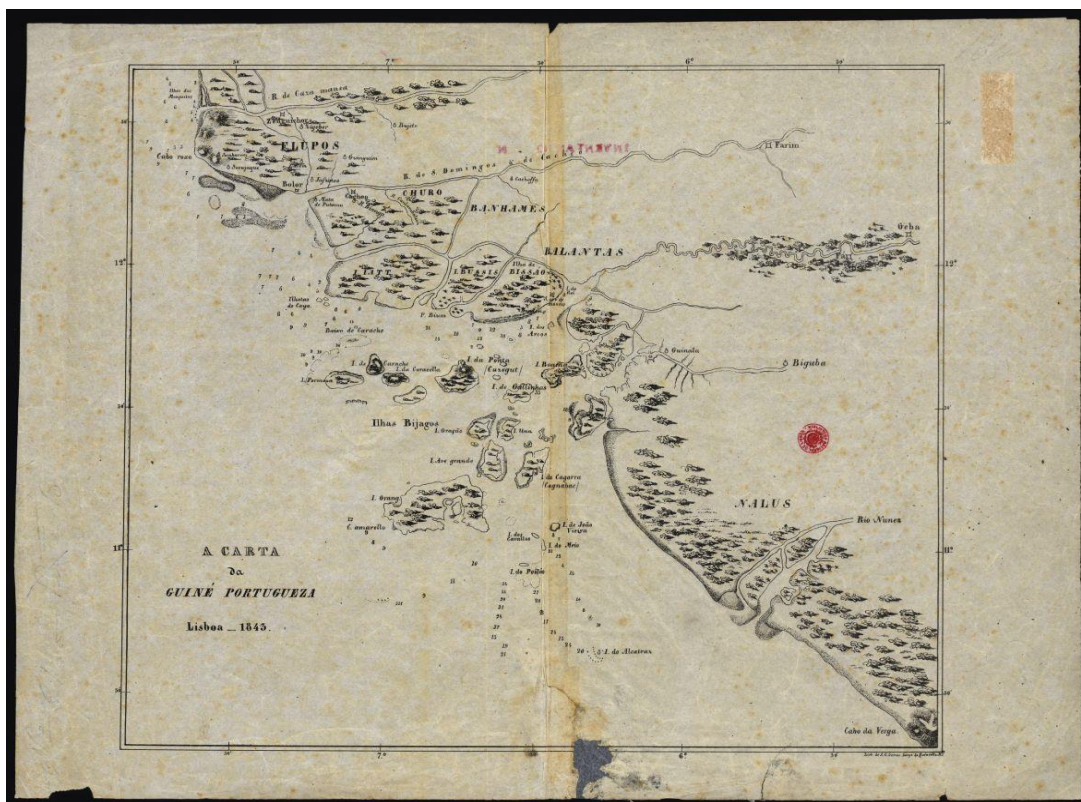
A esses bilhetes, bocados de papel, chamam-lhes cartas, dizendo que *papeis* são ellas. Ao dinheiro dão-lhe os nomes de *patacão* (40 réis), *schiling* (240 réis) e *peso* (1\$000 réis). Assim, por

É importante ainda relatar a situação do regulo de Intim que vai a Praça de Bissau a procura de noticia de parentes seus que ele havia enviado para combater contra o Infali e não tinha recebido noticia alguma. O interessante é que ele seria o próximo a ser combatido pela campanha de 1908. Os grumetes (negros que se convertiam ao cristianismo) eles adotavam uma postura alternada, momentos eles lutavam com os Portugueses e em outros momentos contra. É o que vemos nesta campanha que eles saem com os portugueses para combater o Infali sendo os próximos a serem combatidos.

No documento varias vezes o tenente Nunes relata a forma em que os grumetes mudavam de lado. Um momento se unia aos portugueses para combater um regulo inimigo e em seguida se uniam aos papéis de Bissau contra as tropas portuguesas. O que nos chama a atenção que eles lutavam não por serem “colaboradores” do colonizador, mas por interesses próprios na conquista de objetivos locais que eram a manutenção da sua soberania política econômica e territorial.

Pontuando algumas formas de resistência presente em apenas um documento, que relata uma campanha, sobre uma parte da Guiné, podemos observar quão dinâmico foi a participação dos reinos e povos locais nesse processo, podendo observar que Portugal não detinha nem na área litorânea o controle político, militar e econômico, portanto podemos dizer que não existia no ano de 1908 uma Guiné portuguesa como Portugal reivindicara no momento da partilha.

Dentro deste processo a região da Guiné tem uma particularidade que é o fato de Portugal ter um contato a mais de quatro séculos no momento da partilha européia do continente, mas apenas na faixa litorânea havia a presença portuguesa. Isso é o que apresenta um mapa de 1843 que mostra apenas algumas localidades litorâneas como sendo de conhecimento português e um imenso vazío nas demais partes da Guiné, que prova que a reivindicação portuguesa do território da Guiné não condiz com a realidade apresentada no mapa e no diário.



O Coronel Leite de Magalhães apresenta a Guiné com uma área de 8.400 km² e 5.416 habitantes esses números são anteriores a convenção de 12 de maio de 1886 quando a Guiné passa a contar com uma área de 36.125 km² onde foi assinado acordo que fixava os limites entre os territórios portugueses e franceses. Mesmo com este acordo Portugal não conhecia os seus limites. Só no período de 1900 a 1905 começaram a serem delimitadas as fronteiras, sendo formada para tanto uma comissão mista, composta por portugueses e franceses. Essa movimentação despertou reações por parte dos povos da região havendo, já no ano de 1905, combates em Cabo Rôxo, Cacheu, e no território dos Beafadas⁵

Para exemplo da falta do conhecimento da totalidade da Guiné por parte dos portugueses utilizo aqui dois pequenos trechos do documento do tenente Nunes:

⁵ MAGALHÃES, Coronel Leite de. A Guiné portuguesa através da História, *Cadernos Coloniais*, Lisboa, Ed. Cosmos, Nº24, p 37-39 ,1920.

A ilha de Bissau não é bem conhecida por não ter sido ainda suficientemente explorada. Já um official, ha annos, a percorreu e fez o arrolamento das palhotas, bem como o seu levantamento. Esse trabalho, porém, que não é nem pôde ser escrupuloso, é, comtudo, o unico existente.

Sinto-me pois absolutamente incompetente para fallar desenvolvidamente d'uma provincia, da qual nem sequer uma «carta» regular existe, sendo a melhor que se conhece *O Esboço da Carta da Provincia da Guiné* (1906) da commissão de cartographia, aliás deficientissima.

Tomei apenas duas ilhas que compõem a região da Guiné em que já há muito tempo antes da partilha, Portugal já mantinha uma relação comercial, se para estas ilhas o relato do militar é este, podemos ter uma idéia do que o colonizador poderia ter na parte interior da região. Portanto o que Portugal tinha antes de 1880 nesses territórios conhecidos como a “Guiné portuguesa” era acordos comerciais com os reis e líderes locais, que os viam como parceiros comerciais assim como os franceses, ingleses e alemães que negociavam com os comerciantes locais. Com isto dizemos que os comerciantes e governantes da Guiné tinham uma visão de igualdade nas suas relações com os outros povos.

Referências bibliográficas:

OUZOIGWE, Godfreiu N., *A Partilha européia e conquista da África*: apanhado geral.

In: *Historia Geral da África – VII*. São Paulo/paris, Ática/UNESCO, 1985, pp. 43 a 67

ERNESTO, Júlio de carvalho e Vasconcellos, *Revista Portuguesa colonial e Marítima*.

Livraria Ferin, Lisboa, (ed); nº 51 – vol. IX, 52 pags. 1901

BARRY, Boubacar. “História e percepção das fronteiras na África nos séculos XIX e XX: os problemas da integração africana”. In: *Senegâmbia: O desafio da história regional*. Rio de Janeiro, SEPHIS/ Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2000, pp.65-85.

WESSELING, H. L. *Dividir para dominar*. Rio de Janeiro: ED. UFRJ/Revan, 1998.

CARVALHO, Juvenal de, *Angola: A construção de uma Nação*, cadernos CEAS nº 224, Salvador, 2006, pp. 89 – 99

CARVALHO, Juvenal de, *Revista Veja: um olhar sobre a independência de Angola*, São Paulo: Gandalf, 2009.